



## POEMAS TRANSGRESSORES DA LEI DEUS: CÂNTICO DOS CÂNTICOS E POESIA BRASILEIRA NUM GRITO DE RESISTÊNCIA DA MULHER

Flávia Luiza Gomes\*

**Resumo:** Após o exílio babilônico, os sacerdotes passaram a reestruturar a sociedade em torno da Lei e do Templo, regulando a vida do povo num modelo moralista e legalista. É nesse período que se codifica a definição de mulher impura, desencadeando um processo cujas consequências são sentidas na contemporaneidade. Com a Lei da pureza como centro das regulamentações o mais atingido foi o corpo e em especial o corpo da mulher, que, simplesmente por ser mulher, era impura. Neste contexto é que o sentido do Cântico dos cânticos deve ser avaliado e apreendido. A importância que o livro atribui à mulher: a maioria dos poemas são colocados na boca da mulher; é ela quem toma a iniciativa para o amor; é um grito de libertação do sexo feminino ferozmente subjugado nesse contexto. Grito este reverberado, atualmente, na poesia de Adélia que contesta: “nisto consiste o crime, em fotografar uma mulher gozando e dizer: eis a face do pecado. Por séculos e séculos os demônios porfiaram em nos cegar com este embuste”.

**Palavras-chave:** Mulher; resistência, bíblia; poesia.

**Abstract:** After the Babylonian exile, the priests began to restructure society around the Law and the Temple, regulating the lives of the people in a moralistic and legalistic model. It is during this period that the definition of impure woman is codified, triggering a process whose consequences are felt in contemporary times. With the Law of Purity as the center of the regulations, the hardest hit was the body and especially the woman's body, which, simply because she was a woman, was impure. It is in this context that the meaning of the Song of Songs must be evaluated and apprehended. The importance the

---

\* Especialista em Teologia Bíblica e Mestre em Ciências da Religião. E-mail: lgflavia@hotmail.com

book attaches to women: Most poems are placed in the woman's mouth; it is she who takes the initiative for love; it is a female liberation cry fiercely subdued in this context. This cry reverberated today in Adelia's poetry, which disputes: "In this is crime, in photographing a woman enjoying and saying: this is the face of sin. For centuries and centuries the demons have struggled to blind us with this scam.

**Keywords:** woman; resistance, bible; poetry.

## INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a tendência da religião em conservar sua postura moral e legalista quanto à sexualidade em contrapartida a novos questionamentos sobre a experiência de Deus na vivência do amor erótico-afetivo se faz urgente.

Numa leitura fundamentalista, a religião pode se ancorar na Bíblia fazendo uso de textos como os conformados no período pós-exílico no qual ocorre a implantação de um modelo moralista, legalista pelo poder sacerdotal que assume o governo em Jerusalém sob o domínio Persa. A sexualidade é usada para eliminar o convívio dos homens judeus com mulheres de outros povos. Especial atenção é dada à Lei da pureza e nisso tudo o mais atingido é o corpo.

Nessa época em que o amor humano, com toda sua sensualidade e sexualidade, é relegado ao nível profano, surge o Cântico dos cânticos, numa nítida contestação e resistência que se conforma num modelo erótico-afetivo centrado no corpo, no desejo e prazer como plena realização do amor que é chamado de "labareda de Javé" (8,6).

Atualmente os questionamentos podem ser exemplificados como na recente canção de Oswald Montenegro: "se o sexo é tão proibido por que ele (Deus) criou a paixão? Se Deus criou o desejo por que é pecado o prazer?"; na poesia, Adélia contesta: "nisto consiste o crime, em fotografar uma mulher gozando e dizer: eis a face do pecado. Por séculos e séculos os demônios porfiaram em nos cegar com este embuste". A reflexão aponta para a necessidade de uma pastoral que não prescindia o principal princípio: o amor. E não oblitere sua vivência em todas as suas facetas considerando que o sentido espiritual do Cântico está em sua literalidade.

## **CÂNTICO DOS CÂNTICOS, POESIA BRASILEIRA E MPB: UM GRITO DE RESISTÊNCIA**

### Autoria do Cântico dos cânticos

O Cântico se apresenta como obra de Salomão, e assim foi entendido pela grande maioria dos leitores da Bíblia. Entretanto, uma análise do seu conteúdo e vocabulário mostra que ele foi composto muito tempo depois do reinado de Salomão, entre os séculos V e III a.C., ao passo que Salomão reinou no século X a.C. O “de Salomão” pode ser entendido como dedicatória ou atribuição tradicional, pois Salomão foi uma espécie de patrono da sabedoria.

De acordo com o pensamento antigo sobre a questão de autoria, considerava-se mais honroso atribuir o próprio livro a um personagem famoso do passado, mesmo que isso pudesse soar anacrônico ou falso. Por outro lado o livro ganhava reputação e sua autoridade asseguraria melhor aceitação do escrito. Salomão era considerado patrono da sabedoria, pois na instância do seu reinado o estilo sapiencial foi inaugurado seguindo os moldes sapienciais da corte egípcia, onde havia vasta produção poética sobre o amor. Em I Reis 5:12 está escrito que Salomão compôs “mil e cinco cânticos”. Isso, certamente, não esteja fazendo referência a ele mesmo, mas a toda escola sapiencial que ele patrocinava em seu reinado.

Para uma apreensão salutar da mensagem veiculado no Cântico dos cânticos é preciso, assim, examinar um pouco o contexto do pós-exílio, por volta de 400 a.C., momento em que se deu a sua redação final.

### Contexto histórico

Por meio do rei da Pérsia, Ciro, o império babilônico foi subjogado em 539 a.C. Os judeus que desde o ano de 597 a.C. começaram a ser deportados para a Babilônia como cativos, recuperaram a liberdade podendo regressar a Jerusalém com a derrocada dos caldeus. O afã, portanto, era retornar à pátria

para reconstruir a cidade, o Templo e suas moradias, enfim voltar para casa no arcabouço do sonho da liberdade.

Todavia, nem tudo foram flores. Na verdade houve, somente, uma mudança de um domínio para outro com diferenças no modelo de repressão e escravização. Nesse tempo, chamado pós-exílico, os judeus, de fato, continuaram sob domínio, mas agora em casa, do império persa.

Debaixo da dominação persa, todos os povos repatriados, e não apenas os judeus, puderam novamente se reestruturar quanto à religião e costumes, porém não em relação a uma independência político-econômica.

Nesse regresso possibilitado do exílio, a liderança nacional dos judeus ficou nas mãos dos sacerdotes, que passaram a reestruturar a sociedade em torno da Lei e do Templo, regulando todos os setores da vida do povo. As regulamentações derrocaram na implantação de um modelo moralista e legalista pelo poder sacerdotal que assume o governo em Jerusalém aproximadamente entre 450 e 400 a.C. (Esd 4).

Especial atenção é dada à lei da pureza (concentrada no livro do Levítico), principalmente por dois motivos: o primeiro era assegurar a separação dos estrangeiros, principalmente das mulheres estrangeiras, a fim de evitar a contaminação da raça. O segundo motivo, com interesses políticos e econômicos, visava estratificar a sociedade judaica em termos de puro-impuro, ou seja, estabelecer critérios para julgar quem estaria mais próximo ou mais distante de Deus. Quem não estivesse em dia com as exigências da Lei, tinha que oferecer sacrifícios e ofertas no Templo para se purificar. Os sacrifícios custavam caro e os pobres permaneciam impuros ou se endividavam para conseguir a purificação.

A missão de Esdras, sacerdote responsável por liderar as regulamentações neste período, era implantar a obediência de uma nova versão da Lei judaica que garantisse a ordem interna e a submissão externa ao Império Persa (Esd 7:11-17). Portanto, esse modelo opressor se visualiza nos livros de Esdras, Neemias e em escritos contidos no Pentateuco que é um bloco de livros que também tem sua redação final nesta época.

Nenhum aspecto da vida, incluindo a sexualidade, escapou do controle do estado religioso onde as relações sexuais são regulamentadas do ponto de

vista legal ou moral e não pelo amor e prazer. Nesse viés, o corpo passa a ser visto com desconfiança embutindo a ideia da sexualidade como uma espécie de tentação que para ser rechaçada culmina-se na proibição da nudez (Lv 18:19; 20:11ss).

É nesse período que aparece e se codifica a definição de mulher impura, o que desencadeia um processo cujas conseqüências são sentidas ainda nos dias atuais. Com a Lei da pureza como centro das regulamentações o mais atingido foi o corpo e em especial o corpo da mulher, que, simplesmente por ser mulher, era impura, isto é, pecadora.

O livro de Levítico, veiculado para a finalidade da legitimação ideológica dessas práticas, apresenta as várias formas de impureza: a mulher é impura quando tem fluxo de sangue, seja por menstruação ou hemorragia, permanecendo em impureza por todo tempo em que tivesse a perda de sangue (Lv 15:19-25). Concomitantemente, tudo o que ela tocar ou quem nela tocar, enquanto com o fluxo de sangue, se torna impuro também (Lv 5:20; 15:21-22). Ainda segundo o livro de Levítico a mulher é impura quando dá à luz (em Lucas 2:22-24 pode-se visualizar essa vivência por parte de Maria.) observando uma diferença para a quantidade de dias dessa impureza dependendo do sexo do bebê: se for menino a mulher fica impura por 40 dias, mas se menina a impureza se prolonga para 80 dias. Durante este tempo a mulher ficava afastada do Templo, e, após, deveria apresentar sua oferta para ser purificada (Lv 12:1-8).

Ampliando a abrangência dos quesitos para a impureza, o ato sexual, tornava o homem e a mulher impuros por um dia (Lv 15:18). A lei da pureza atinge, assim, diretamente a relação erótico-afetiva bem como se mostra relegando o corpo a um estágio inferior, profano e indigno em todo seu aspecto humano em suas próprias funções. O controle sobre a vida das pessoas se impõe intimamente pela religião.

Dessa realidade, no entanto, não haveria como a mulher escapar. Menstruação, parto, vida sexual, faz parte da condição de ser mulher que, por sua vez, por si só, passa a ser razão de impureza. Em Levítico 15: 1-18 há também descrições sobre as impurezas do homem, mas neste caso elas são exceções e se referem a doenças e não enquanto à condição de ser homem.

Ao contrário do caso das mulheres, onde as funções normais do seu corpo são designadas por impurezas. Dessa maneira, a mulher, só pelo fato de ser mulher, é impura.

A marginalização e opressão representada por essa legislação abrangiam a vida da mulher da adolescência à menopausa, passando a maior parte de sua existência excluída do convívio social como impura e causadora de impureza. Por causa dessa situação de impureza toda a família era prejudicada, pois o marido não podia deitar na mesma cama que a mulher. E como ficavam as crianças em contato contínuo com a mãe? Essa legislação “matava” as meninas justamente quando floresciam e se tornavam mulheres. Na narrativa evangélica que descreve a morte da menina de 12 anos parece haver a denúncia de toda essa legislação escravizadora, bem como o rompimento dela por Jesus, pois ao tocar a menina ela volta a viver (Mc 5:35ss).

Socialmente as mulheres são amplamente marginalizadas a partir dessa época com muito afinco. São excluídas do Templo, do culto e da Lei, levando em conta de que naquele tempo o Templo e o culto eram locais de vida social e política. Por sua condição de impura a mulher ficava privada de qualquer participação religiosa, política e social. Durante a vida adulta da mulher as possibilidades de participação e integração se davam em raros momentos propiciados pelos cumprimentos dos complicados rituais de purificação com o pagamento do sacrifício.

Nessa época em que a religião deixa, taxativamente, de ser expressão da vida humana concreta, a fim de tornar-se uma superestrutura acima e além das realidades visíveis, o amor humano, com todo seu cerimonial de paixão, sensualidade e sexualidade, é relegado para o nível profano, passando a ser apenas considerado como simplesmente humano sem qualquer aquiescência divina.

É nesse contexto que o sentido do Cântico deve ser avaliado e apreendido. Sua ênfase na beleza e grandeza do corpo liberta as pessoas das cruéis exigências da Lei de pureza. A importância que o livro atribui à mulher (a maioria dos poemas são colocados na boca da mulher; é ela quem toma a



iniciativa para o amor) é um grito de libertação do sexo feminino ferozmente subjugado nesse contexto.

Apesar de muito se adequar o Cântico às celebrações de festas de núpcias, ao contrário, ele parece escapar dessa temática. Nos poemas não se fala em matrimônio e nem se descreve o casal em termos que possam supô-lo como esposos e nem à espera de sê-los. Embora o Cântico não estivesse fora de lugar nas festas de núpcias, como se veicula, há questões que não se coadunam com essa teoria.<sup>1</sup>

O grito de resistência por excelência a respeito da vivência do amor erótico afetivo como uma experiência de Deus, o Cântico dos cânticos, “sai da boca de uma mulher amante, de uma mulher amada. O grito da paz alcançada com a entrega até o fim, até o desfalecimento, à pessoa amada, na busca do que faz linda a vida: o sono restaurador depois do amor feito com paixão e sofreguidão.”<sup>2</sup>

### Recepção do Cântico na poesia e MPB

Bem como é possível observar os reveses de tamanha construção social discriminatória em relação ao corpo e atingindo principalmente a mulher, também há, nitidamente, a recepção atual do mesmo grito de resistência do Cântico à opressão da mulher que oblitera sua feminilidade, sensualidade e sexualidade. Pode-se ouvir os ecos do Cântico na poesia brasileira contemporânea, como na voz de Adélia Prado que para início de conversa, afirma publicamente em entrevista : “penso todos os dias em sexo, na morte e em Deus”.<sup>3</sup> E em seu poema “O modo poético, a afirmação transforma-se em fato: “(...) é em sexo, morte e Deus/ que eu penso invariavelmente, todo dia”<sup>4</sup> Sem dúvida, à semelhança de Cantares, a poesia de Adélia, entre outras, oferece novos paradigmas para a compreensão de Deus, do corpo e da

<sup>1</sup> ANDINACH, Pablo. *Cântico dos cânticos: o fogo e a ternura*. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>2</sup> RIZZANTE, Ana Maria. *Eu serei para ele como aquela que dá a paz: uma chave de leitura do Cântico dos cânticos*. Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana, Petrópolis, nº 21, p. 78-88, 1995. p. 80.

<sup>3</sup> PRADO, Adélia. *Entrevista: conversas com a escritora Adélia Prado sobre a interface teologia e literatura*. Belo Horizonte, 15 de fev., 2005. Entrevista concedida a Douglas Rodrigues da Conceição.

<sup>4</sup> PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 77.

sexualidade na vida concreta das mulheres e do modelo religioso a respeito do amor erótico-afetivo. Arvora-se descaradamente às avessas da tradicional teologia cristã que impõe modos de ser e de pensar que condicionam e castram na vivência da sexualidade e sensualidade na relação celebrativa do amor.

A mulher relegada a um lugar de submissão e subordinação às regras relativas à sexualidade, como bem intenta e modela a lógica do poder patriarcal, recebe na voz de Adélia a vez de questionar os meandros dessa teologia tradicional em sua negativa do prazer do corpo e da sexualidade, construindo uma abordagem sobre Deus que destoa da convencional.

Nas teologias cristãs, de modo geral, existem silêncios sobre as temáticas relacionadas ao corpo, corporeidade, sexualidade. A presença dessa tríade nas abordagens teológicas ou doutrinárias se faz sempre numa veiculação ao pecado. Isso fez perpetuar no imaginário cristão a noção do sexo como pecado e do corpo como lugar de impureza, feiura e maldade, logo, pecaminoso, levando a negação do caráter sagrado do prazer, que por sua vez é vislumbrado como transgressão, pecado, ilegítimo.

Exatamente sobre essa questão se põe a indagação de Oswaldo Montenegro na música “a lógica da criação” que questiona sobre o motivo por se fiar em pecado o que o próprio Deus criou como o sexo e o prazer: “se o sexo é tão proibido por que ele criou a paixão/ se Deus criou o desejo por que é pecado o prazer”. Endossando a resistência, na voz da intérprete Elis Regina, cantora da MPB, tem-se várias músicas que autenticam o espaço da mulher e por não dizer sua preeminência na entrega ao prazer na vivência do amor no corpo explorando sua sensualidade se reconhecendo enquanto mulher legitimamente digna de viver a sexualidade, como canta em “Me deixas louca”:

Quando caminho pela rua lado a lado com você/ me deixas louca/  
quando escuto o som alegre do teu riso/ que me dá tanta alegria, me  
deixas louca/ me deixas louca quando vejo mais um dia/ pouco a  
pouco entardecer/ e chega a hora de ir pro quarto escutar/ as coisas  
lindas que começa a dizer/ me deixas louca/ quando me pedes por  
favor que nossa lâmpada se apague/ me deixas louca/ quando  
transmites o calor de tuas mãos/ pro meu corpo que te espera/ me  
deixas louca/ e quando sinto que teus braços se cruzaram em minhas  
costas/ desaparecem as palavras, outros sons encham o espaço/  
você me abraça, a noite passa/ me deixas louca. <sup>5</sup>

<sup>5</sup> REGINA, Elis. 1981.



Em Adélia, também como insinua algumas letras da MPB, vê-se a reescrita de uma “teologia” que relaciona sexualidade, o corpo, com a experiência religiosa. Sexo e Deus, para a poetisa, são elementos conjugados, que se misturam e não estão divididos, dualisticamente, entre bem e mal. Insta ressaltar a desenvoltura com a qual Adélia entrelaça tais temáticas, ao contrário do embaraço, quiçá, bastante nítido quando se trata dos estudos teológicos sobre sexualidade, corporeidade e a divindade mesmo com as premissas apresentadas e magistralmente orquestradas com ousadia no livro sagrado Cântico dos cânticos.

A partir da atestada pecaminosidade inferida à sexualidade e ao corpo em si, nessa herança perpetuada nas bases da construção teológica que se desemboca atualmente, percebe-se, desse modo, o erigir de questões que propõem refletir sobre o dilema que se estabelece a respeito de como continuar a vivência da religiosidade sem perder o prazer.

Adélia, como exemplo na poesia, à semelhança da continuidade da resistência e transgressão presente no Cântico, em seu poema “com licença poética”<sup>6</sup>, deixa claro que recusa a condição de ser coxo na vida e aceita os subterfúgios que lhe cabem, em sua condição particular de ser mulher. Como entreve no poema, mulher que é desdobrável, que se coloca no mundo poético predominantemente masculino e que passa por percalços preconceituosos, pois, inicialmente, não recebe o mesmo prestígio que a poesia masculina. Porém prosseguindo em sua sina, a autora torna-se referência para a lírica contemporânea, bem como, para a mulher hodierna que pleiteia por um novo olhar, libertário, do feminino, que ao contrário, seja pura por ser integralmente mulher.

Na poesia de Adélia, há elementos que configuram transgressão e resistência às concepções negativas praticadas pelo cristianismo em relação às mulheres. Adélia é uma mulher que questiona o seu tempo e reage com a poesia, como reagem as teólogas, como reagem muitas mulheres inclusive a amada do Cântico que personifica a mulher oprimida e relegada à impureza por ser mulher. Pela poesia, ela se declara salva, ou seja, livre da opressão exporá

---

<sup>6</sup> PRADO, 1991, p. 11.

toda sua liberdade de ser numa proposta libertária de fazer a experiência de Deus.

No entanto, repito, a poesia me salvará. / Por ela entendo a paixão / que Ele teve por nós, morrendo na cruz. / Ela me salvará, porque o roxo / das flores debruçado na cerca / perdoa a moça do seu feio corpo / Nela, a Virgem Maria e os santos consentem / no meu caminho apócrifo de entender a palavra / pelo seu reverso, captar a mensagem / pelo arauto, conforme sejam suas mãos e olhos. / Ela me salvará. Não falo aos quatro ventos, / porque temo os doutores, a excomunhão / e o escândalo dos fracos. A Deus não temo. / Que outra coisa ela é senão Sua Face atingida / da brutalidade das coisas? (Guia)<sup>7</sup>

## **A PUREZA DE SER MULHER**

### A mulher tem a iniciativa e assume seus desejos:

O Cântico dos cânticos irrompe, sem titubeios, expondo toda sua resistência ao moralismo e legalismo religioso de sua época. A amada mostra-se ousada convidando seu amado ao amor em erotismo efervescente. A mulher, portanto, contra uma cultura e a opressão religiosa, outorga-se legitimamente na iniciativa para o encontro amoroso em nada pudico e totalmente despido de recato.

Que me beije com beijos de sua boca! / Teus amores são melhores do que o vinho, / o odor de teus perfumes é suave, / teu nome é como óleo se espalhando, / e as donzelas se enamoram de ti... / Arrasta-me contigo, / corramos! / Leva-me, ó rei, aos teus aposentos / e exultemos! / Alegremo-nos em ti! / Mais que o vinho, / lembraremos teus amores! / Com razão se enamoram de ti... (1:2-4)

O poema é marcado, como os que seguem, pelo tom de ternura apaixonada que dominará toda a coleção. O livro inicia-se de forma abrupta, em clima de total erotismo e passionalidade dando lugar a algo inédito para aquele tempo, pois discorre de um convite para o amor erótico fruto da iniciativa da mulher que livremente expressa seu desejo pelo amado, com intensidade e sem limites, tabus ou restrições.

Esse instante de deleite e contemplação por parte da amada, que deseja os beijos, amores, cheiro e simplesmente o prazer de falar sobre o

<sup>7</sup> PRADO, 1991, p. 61.

amado, conduz a uma ação urgente, mas, não menos esperada como trajetória audaciosa e intrínseca à embriaguez da paixão.

O desejo latente se escancara com toda passionalidade na iniciativa da amada por meio de um convite nada encabulado para que seu amado corra juntamente com ela ao lugar íntimo. Corramos depressa para um lugar retirado e íntimo, um aposento! Esse é o convite da amada, que não se mostra convencional, mas impelida pelo sentimento que parece a tudo relativizar por sua supremacia e que faz felizes os que percebem e valorizam a dádiva do amor e não deixa de vivê-lo nem mesmo pela implementação de um moralismo regado à ideologia religiosa. Para essa amada que subverte a ordem, o aposento é como o recipiente do precioso conteúdo do amor. Conteúdo que urge que tem pressa, por se derramar, por se conformar e consumir.

O prólogo como porta de entrada para o livro propõe grande ousadia. A legitimidade de a mulher tomar a iniciativa para o amor até hoje pode causar estranheza. E a isso acrescido de todo erotismo em plena embriaguez de vinho, perfume e óleos se espalhando, amor que busca o secreto, a intimidade, e exulta. É, entretanto, apenas o começo.

No poema “Casamento”, como em *Cântico*, Adélia apresenta uma mulher que tem a iniciativa para o sexo como indivíduo atuante dizendo sim ao prazer com o amado.

Há mulheres que dizem:/ meu marido, se quiser pescar, pesque,/ mas que limpe os peixes./ Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,/ ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar./ É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,/ de vez em quando os cotovelos se esbarram,/ ele fala coisas como ‘este foi difícil’/ ‘prateou no ar dando rabanadas’/ e faz o gesto com a mão./ O silêncio de quando nos vimos a primeira vez/ atravessa a cozinha como um rio profundo./ Por fim, os peixes na travessa,/ vamos dormir./ Coisas prateadas espocam:/ somos noivo e noiva.<sup>8</sup>

Na imagem do pescador, que evoca os discípulos de Jesus, e do peixe, que é símbolo dos cristãos, é perceptível a associação do homem e da mulher como um ritual religioso. A cozinha se transforma no local da liturgia que acolhe o homem e a mulher que estão em comunhão num ritual que tem seu ápice no sexo na cama no clímax do prazer: “Coisas prateadas espocam”. Adélia insinua

<sup>8</sup> PRADO, 1991, p. 252.

quanto de religioso e divino tem a união erótica afetiva a partir da alusão a símbolos sacros cristãos.

O sexo é partilhado, homem e mulher estão no mesmo nível, pois a relação só acontece pelo desejo dos dois. Mas há uma ressalva significativa na escolha dessa mulher que decide dizer sim. Sobre ela está a primazia da ação que desemboca na religiosidade do momento que conduz para um final de verdadeira celebração, onde, juntos, homem e mulher atingem o orgasmo. Não há submissão, pois a mulher faz porque quer e a cumplicidade entre os dois evidencia-se também no ato de descamarem os peixes juntos e não apenas a mulher trabalha na cozinha. Cumplicidade que se estende à relação sexual. É por causa dessa mulher autônoma que decide pela iniciativa de dizer sim enquanto outras diriam não, que o momento se desenrola. Sem o consentimento e iniciativa da mulher de se levantar a qualquer hora da noite para “escamar, abrir, retalhar e salgar”, não haveria noivo e noiva, mas provavelmente, uma história bem menos erótica.

Há nesse poema uma força feminina atuante, ao contrário do que normalmente existe: passividade e resignação ou ainda a obrigatoriedade da negação e a conseqüente revolta e descontentamento imputado pelo imperativo paradigma da mulher contida. Adélia, como o prólogo do Cântico, apresenta uma mulher que transgride, pois não hesita em ir atrás dos seus desejos e é responsável pelo erotismo do momento. A beleza no sim desta mulher está no aspecto de não ser um sim imposto por modelos externos, por teorias masculinas, pela moral construída sob bases que limitam preconceituosamente a mulher em seu ser. Este sim expressa a postura da mulher que assume a construção de sua história fluindo na autoria de sua própria vida sem limites aos fluxos da vida na mulher. “Hoje é sim, amanhã pode ser não, porque amanhã é outro dia fora e dentro de si mesma”.<sup>9</sup>

Essa mulher autônoma, que sabe quando quer e como vivenciar o que deseja entendendo-se enquanto indivíduo sexual que não refuta de si mesma

---

<sup>9</sup> STEINER, Neusa Cursino dos Santos. *A poesia de Adélia Prado: Religião, tradição e transgressão*. 2005. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/NEUSA%20CURSINO%20DOS%20SANTO%20STEINER.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2013.

esse direito, é de igual modo, descrita por Maria Lúcia Dal Farra (1994) no belo poema “Culinária”:

Deito a manteiga na panela/ e entremeio/ (ao calor do fogo)/ os temperos./ O alho desprende aromas/ e/ amarelo/ empresta à cebola a parte de que/ carece/ na imensa analogia dos cheiros/ nem salsa, nem coentro!/ Invade já a casa/ o sabor da lembrança futura.<sup>10</sup>

A comida é o dispositivo usado pela mulher de Dal Farra para levar o homem que deseja para a cama, pois a escolha dos alimentos é que determina o instante do erotismo. Ela tem a iniciativa, é responsável por preparar com detalhes os entremeios das preliminares deitando a manteiga na panela e...

A imagem criada pela poetisa faz referência ao ato sexual: “a manteiga derretendo na panela caracteriza a lubrificação, o órgão sexual se apresenta quente, e o alho (o masculino) penetra a cebola (o feminino) e ambos tornam-se unos”.<sup>11</sup> A salsa e o coentro que geralmente são utilizados para aliviar o hálito de alho e cebola não conseguem inibir o cheiro que exala pela casa. Cheiro que alude ao prazer na união do homem e da mulher no sexo que não pode ser contido.

A continuidade dessa quebra de paradigma que inverte e compreende a mulher como participante ativa no prazer sexual, encontra seu revés, do mesmo modo, em músicas contemporâneas como a de composição da cantora Paula Fernandes intitulada “Pássaro de fogo”. A mulher construída nesse poema musical toma a iniciativa fazendo o convite para a vivência do amor que culmina num desafio ousado ao propor ao amado: “permita sentir/ se entrega pra mim”. Seguindo ao convite a mulher descrita por Paula Fernandes, como a de Cantares que pede para ser levada aos aposentos do amado para a consumação do amor, se declara desejosa da vivência do prazer admitindo o seu desejo de que ele toque-a entregando seu corpo com paixão: “Cavalgue em meu corpo, minha eterna paixão”.

<sup>10</sup> DAL FARRA, Maria Lúcia. Livro de Auras. São Paulo: Iluminuras, 1994.

<sup>11</sup> VITAL, Egberto Guillermo Lima. Segredos culinários: da mesa para a cama. 2009. Disponível em: [http://artigocientifico.com.br/uploads/artc\\_1250538032\\_41.pdf](http://artigocientifico.com.br/uploads/artc_1250538032_41.pdf). Acesso em: 15 de março de 2013.

## CONCLUSÃO

Num tempo em que a mulher era desprezada e reprimida socialmente, com a anuência e a conformação pela própria Lei de Deus, o Cântico explode num elogio a ela, revelando toda a sua beleza, valor, legitimando a vivência plena de suas funções enquanto mulher outorgando-lhe o prazer em sua sexualidade.

O anseio do Cântico em restaurar a dignidade da mulher e sua plenitude em poder perceber-se mulher, com leveza no sentido literal, não é difícil, a modos similares na intencionalidade, de se averiguar em guarida na poesia contemporânea brasileira bem como na MPB.

A força atuante outorgada à mulher por esses poemas que transgridem a Lei de Deus deve ser compreendida no âmbito de que a mulher tem o direito de escolha no contexto sexual, bem como de assumir seus desejos, vivenciá-los livre dos estigmas pecaminosos imputados a essa experiência como distanciamento de Deus.

O artigo vislumbra a necessidade da veiculação da temática nas pastorais para promover a eliminação de comportamentos repressivos e pautados em equívocos em suas bases. Uma pastoral que não veicule a pureza e a sacralidade no distanciamento da vida e das realidades concernentes ao humano e que por vezes, quem sabe, não considere mais puro e sacro afirmar como canta Ivan Lins em “Daquilo que eu sei”:

não fechei os olhos/ não tapei os ouvidos/ cheirei, toquei, provei/ ah eu!/ usei todos os sentidos/ só não lavei as mãos/ e é por isso que eu me sinto/ cada vez mais limpo!

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- A BÍBLIA DO PEREGRINO. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- ANDINACH, Pablo. *Cântico dos cânticos: o fogo e a ternura*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. *Livro de Auras*. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- GALLAZI, Sandro. *Ensaio sobre o pós-exílio: mecanismos de opressão; a resistência da casa e da mulher*. 2ª ed. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.



PRADO, Adélia. *Entrevista: conversas com a escritora Adélia Prado sobre a interface teologia e literatura*. Belo Horizonte, 15 de fev., 2005. Entrevista concedida a Douglas Rodrigues da Conceição.

RIZZANTE, Ana Maria. *Eu serei para ele como aquela que dá a paz: uma chave de leitura do Cântico dos cânticos*. Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana, Petrópolis, nº 21, p. 78-88, 1995.

STEINER, Neusa Cursino dos Santos. *A poesia de Adélia Prado: Religião, tradição e transgressão*. Disponível em:  
<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/NEUSA%20CURSINO%20DOS%20SANTOS%20STEINER.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2013.

STORNILO, Ivo. *Como ler o Cântico dos cânticos: o amor é uma faísca de Deus*. São Paulo: Paulus, 1991.

STORNILO, Ivo. *O mistério do amor humano: o mais belo cântico de Salomão*. São Paulo: Paulus, 2003.

VITAL, Egberto Guillermo Lima. *Segredos culinários: da mesa para a cama*. Disponível em: [http://artigocientifico.com.br/uploads/artc\\_1250538032\\_41.pdf](http://artigocientifico.com.br/uploads/artc_1250538032_41.pdf). Acesso em: 15 de março de 2013.